

# LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Ressonâncias e repercussões

Lilian de Souza  
Fernanda Tonelli  
(Organizadoras)

 **Atena**  
Editora  
Ano 2022

# LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Ressonâncias e repercussões

Lilian de Souza  
Fernanda Tonelli  
(Organizadoras)

Atena  
Editora  
Ano 2022

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo



Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia



# Linguística, letras e artes: ressonâncias e repercussões

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Mariane Aparecida Freitas  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizadoras:** Lilian de Souza  
Fernanda Tonelli

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguística, letras e artes: ressonâncias e repercussões / Organizadoras Lilian de Souza, Fernanda Tonelli. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0257-2

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.572221705>

1. Linguística. 2. Letras. 3. Arte. I. Souza, Lilian de (Organizadora). II. Tonelli, Fernanda (Organizadora). III. Título.

CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)



**Atena**  
Editora  
Ano 2022

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

A obra está organizada em dezoito capítulos que ressoam e repercutem nas áreas de Linguística, Letras e Artes. Traz discussões atuais em diversas temáticas, como o papel da mulher, do negro e do indígena e cultura. Tais abordagens foram tratadas com maestria pelos respectivos autores, que relacionaram as questões educacionais, sociais e individuais dos sujeitos sob o viés da própria linguagem artística.

Outras temáticas abordadas nesta obra nos convidam a refletir sobre situações da atualidade, como a pandemia e a invisibilidade do ser e os depoimentos de educadores acerca do fazer docente em tempos de pandemia sob o viés da análise de discurso. Ainda sobre o processo educacional, discute-se sobre neurociência cognitiva e comportamental e suas influências na educação, destacando os prováveis transtornos de aprendizagem.

Como manifestação artística, a literatura também se faz presente neste livro, percorrendo distintas realidades escritas por autoras e autores pertencentes a diversos períodos. Temos a contemporânea Adriana Vieira Lomar, a ancestralidade e resistência nas obras de Euclides Neto, os diálogos entre Henriqueta Lisboa e Mário de Andrade, a linguagem estilística de Eva Furnari, entre as leituras e leitores de Machado de Assis e um estudo de caso entre Perón e Wilde. São produções que auxiliam o leitor a explorar os aspectos estilísticos da linguagem poética, das produções narrativas, bem como da dramaturgia.

Por fim, agradecemos à Atena Editora, por propor a publicação desta obra e às autoras e autores que contribuíram aqui com seus trabalhos. Este livro é um convite às/aos estudantes, docentes, artistas, poetas, musicistas e demais representantes da sociedade civil que se interessam em ressoar e repercutir esses diálogos plurais.

Boa leitura!

Lilian de Souza  
Fernanda Tonelli

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A POESIA ÁRABE FEMININA NO PERÍODO DA JAHILIYA: TRADUÇÃO COMENTADA DE VERSOS DE AL-KHANSA E AL- KHIRNIQ	
Isabela Alves Pereira	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217051">https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217051</a>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>9</b>
O CHORO EM SÃO LUÍS: RETRATOS DO CHORO NA CAPITAL MARANHENSE DO FINAL DO SÉC. XIX	
Raimundo João Matos Costa Neto	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217052">https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217052</a>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>16</b>
A ADAPTAÇÃO DRAMATÚRGICA COMO JOGO: UM ESTUDO DE CASO ATRAVÉS DA RECRIAÇÃO DE PERÓN EM WILDE	
Felipe Vieira Valentim	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217053">https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217053</a>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>27</b>
A PANDEMIA DA INVISIBILIDADE DO SER	
Paula Valéria Gomes de Andrade	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217054">https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217054</a>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>29</b>
TRAVESSIA: A BUSCA DO HOMEM HUMANO NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA	
Wcleverson Batista Silva	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217055">https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217055</a>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>43</b>
A MANIPULAÇÃO DA INDÚSTRIA CULTURAL SOBRE A CRIAÇÃO ARTÍSTICA EM “UM HOMEM CÉLEBRE”, DE MACHADO DE ASSIS	
Francisco Rangel dos Santos Sá Lima	
Cícero Nilton Moreira da Silva	
Mirna Maria Félix de Lima Lessa	
Getuliana Sousa Colares	
Daniela Katêrine de Oliveira	
Nayara Maranthya da Conceição Gurgel	
Vivianne Caldas de Souza Dantas	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217056">https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217056</a>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>54</b>
CONHECENDO A NEUROCIÊNCIA COGNITIVA E COMPORTAMENTAL E SUAS INFLUÊNCIAS NA EDUCAÇÃO, DESTACANDO OS PROVÁVEIS TRANSTORNOS DE	

## APRENDIZAGEM

Ingrid Raposo Ramos

Marilei Arruda da Rocha Caballero

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217057>

### **CAPÍTULO 8..... 61**

#### ÚRSULA: A REPRESENTAÇÃO DA FIGURA FEMININA NA OBRA

Ana Cleia Silva Pereira

Josilene dos Santos Sousa

Solange Santana Guimarães Morais

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217058>

### **CAPÍTULO 9..... 68**

#### MÍMESIS ZERO E O AFETO COMO GERADOR DE EFEITOS EM *ALDEIA DOS MORTOS*, DE ADRIANA VIEIRA LOMAR

Jerusa Silva Nina de Azevedo da Luz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217059>

### **CAPÍTULO 10..... 80**

#### LEITURAS E LEITORES DE *PAPÉIS AVULSOS*, DE MACHADO DE ASSIS

Valdiney Valente Lobato de Castro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170510>

### **CAPÍTULO 11..... 96**

#### PROJETO CIRANDA DA LEITURA

Sílvia Letícia Oliveira dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170511>

### **CAPÍTULO 12..... 106**

#### A LINGUAGEM ESTILÍSTICA DA OBRA LITERÁRIA DE EVA FURNARI

Micheli Cristiana Ribas Camargo

Cristina Yukie Miyaki

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170512>

### **CAPÍTULO 13..... 116**

#### DEPOIMENTOS DE EDUCADORES ACERCA DO FAZER DOCENTE EM TEMPOS DE PANDEMIA, UM ESTUDO SOB O VIÉS DA ANÁLISE DE DISCURSO

Noelma Oliveira Barbosa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170513>

### **CAPÍTULO 14..... 131**

#### HENRIQUETA LISBOA & MÁRIO DE ANDRADE: UM DIÁLOGO SOBRE OS “TRÊS POEMAS DA TERRA”

Ilca Vieira de Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170514>

<b>CAPÍTULO 15.....</b>	<b>149</b>
AS CARTOGRAFIAS DA INFÂNCIA EM “AS MARGENS DA ALEGRIA” E “OS CIMOS” DE JOÃO GUIMARÃES ROSA	
Lincoln Felipe Freitas	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170515">https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170515</a>	
<b>CAPÍTULO 16.....</b>	<b>158</b>
ANCESTRALIDADE E RESISTÊNCIA NO ROMANCE <i>A ENXADA E A MULHER QUE VENCEU O PRÓPRIO DESTINO</i> , DE EUCLIDES NETO	
Ana Sayonara Fagundes Britto Marcelo	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170516">https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170516</a>	
<b>CAPÍTULO 17.....</b>	<b>167</b>
O MITO DE ORIGEM DO <i>KENE</i> : CONSIDERAÇÕES SOBRE LINGUAGEM E ARTE	
Heidi Soraia Berg	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170517">https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170517</a>	
<b>CAPÍTULO 18.....</b>	<b>184</b>
SOBRE ONTO-EPISTEMICÍDIO & FOLCLORIZAÇÃO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO POVO NEGRO E INDÍGENA NUM LIVRO DE HISTÓRIA DO BRASIL	
Mário Martins Neves Junior	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170518">https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170518</a>	
<b>SOBRE AS ORGANIZADORAS .....</b>	<b>209</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>210</b>

## TRAVESSIA: A BUSCA DO HOMEM HUMANO NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA

Data de aceite: 02/05/2022

### Wcleverson Batista Silva

Professor do Centro Universitário do Vale do Araguaia – UNIVAR e Mestre em Letras/Literatura pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS

### 1 | INTRODUÇÃO

Nos dias de hoje, retomar *Grande sertão: veredas* em empreitas de crítica literária/acadêmica vem sempre acompanhado da incômoda pergunta: mas o que ainda se tem a dizer sobre o romance de João Guimarães Rosa, obra canônica de valor inconteste, já tão escrutinada? No entanto, a pergunta, em si mesma, revela uma perspectiva ideológica de cariz positivista que compreende o objeto estético/literário como algo a ser dissecado pelo pesquisador/crítico, de forma a esgotar suas possibilidades de sentido por meio de uma hermenêutica perspicaz.

Em outra direção, gostaria de retomar a tese de Ítalo Calvino (1993), quando sentencia: “um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer”. Nesse sentido, se entendemos ser GSV um clássico contemporâneo (publicado originalmente em 1956), poderíamos modificar a questão inicial, à luz do enunciado de Calvino e da Filosofia

da História, indagando: quais aspectos sociais, históricos e culturais postos hoje podem ser iluminados pela releitura do romance de Guimarães Rosa? Na mesma direção, em que medida o *subtexto histórico* registrado no romance pode nos ajudar na compreensão do tempo em que vivemos, na medida em que não podemos viver alheios ao que a história nos legou?

Convém perguntar nesse sentido como o nosso próprio tempo, o século XXI, pode ser confrontado por uma representação romanesca do tempo e da memória ainda ancorada em uma narrativa épica, amalgamada ao lirismo da prosa rosiana. Os traços épicos de GSV deflagram um mundo em guerra, uma *Iliada* sertaneja, mas ainda assim mundo compartilhado, no qual a experiência, por mais misteriosa e opaca que seja, ainda remete a alguma possibilidade de aprendizado, sabedoria. Ora, esta percepção de mundo já não é mais a nossa. Nós, os que já não podemos intercambiar experiências dentro de processos comunitários reais, os habitantes dos desertos neônicos da urbe e das miragens do ciberespaço, os que nutrem lembranças publicitárias não vividas, os quase-autômatos que não têm nada significativo para *co-memorar*.

O rememorar, pela escritura literária, nos denuncia, tira nossas máscaras. Em um dos trechos mais citados da obra, Riobaldo diz: “estou contando não é uma vida de sertanejo,

seja se for jagunço, mas a matéria vertente. Queria entender do medo e da coragem, e da gã que empurra a gente para fazer tantos atos, dar corpo ao suceder (GSV. 1988, p. 23)”. Há obviamente, em Rosa, uma inquirição em torno de arquétipos e mitos que definem a ação humana desde tempos “imemorais”. Mas compreendo que a “matéria vertente” é justamente aquilo que está posto nos olhos de quem lê e relê a obra-prima rosiana, *re-cordando-a*, trazendo-a mais uma vez ao coração. Apesar dos barbarismos de nosso tempo, seguimos esperando que GSV semeie grãos de horizonte e travessia nesta terra arrasada que a História nos legou.

O modo conforme Rosa descreve o espaço torna constante a veracidade da obra; o próprio sertão é supostamente o espaço geográfico da narrativa. Mas este sertão não se limita aos liames geográficos, é acima de tudo um Sertão Metafísico; onde o homem tem suas inquietações, suas dúvidas existências, seus anseios e desilusões, refletindo sobre o próprio sentido de sua existência e seu lugar no mundo.

Adentraremos no campo da narrativa em busca de entendimento e construção da “travessia” em um espaço temporal de Riobaldo, em *GSV*. A travessia é a existência que se temporaliza e por meio da qual se revelam, em cada volta do tempo, maiores questões e maiores problemas, sempre que pensada através das veredas poéticas da narrativa.

Ao longo da travessia, nos depararemos com os maiores enigmas de Grande Sertão: Veredas: a ambiguidade, o paradoxo, o deslizamento constante de sentido que promove o ciclo máximo do homem que é mulher. Em toda narrativa há um mundo em que as coisas são de um lado e não do outro, o lado do bem e o lado do mal. A ambiguidade maior é o caso de Diadorim. Diadorim contribuiu de forma decisiva para a constituição da identidade do narrador-protagonista e, muito embora fosse mulher, serviu de referência masculina para Riobaldo. Diadorim, disfarçada de guerreiro (homem), se apaixona por um homem (Riobaldo) e fica aborrecida por se apaixonar. Diadorim passa para os dois lados, o esquerdo e o direito.

Para facilitar a compreensão e maior entendimento deste ensaio, o terceiro capítulo divide-se em duas partes. Neste primeiro momento, é colocado em analogia a relação entre literatura e filosofia, trazendo justamente o leitor para dentro da problemática da obra e das discussões acerca do real e do imaginário construído a partir da arte e da poesia.

É essa junção do “pitoresco com o erudito”, e dos demais recursos estilísticos, que coloca a obra de Guimarães Rosa em um nível mais elevado da literatura mundial. Sob esse viés literário e filosófico é que o leitor poderá se embebedar das aventuras existenciais e construir sua travessia.

## **2 | A AMBIGUIDADE COMO FORMA DE CO-EXISTIR EM GRANDE SERTÃO: VEREDAS**

Ao falarmos de *Grande sertão: veredas*, estamos falando de um homem do sertão

contando sua história para alguém da cidade, que anota essas lembranças. Esse alguém pode ser até mesmo o alter-ego do próprio autor, mas também pode ser um analista anotando uma espécie de longa seção de análise, em que esse jagunço tenta entender algumas cenas impressionantes de sua vida, como, por exemplo, sua entrada no mundo da jagunçagem. E a vida desse jagunço é contada desde o começo, quando era criança às margens rios de - janeiro e São Francisco até o momento crucial da narrativa com a batalha no Paredão.

Riobaldo tem na sua pré-adolescência um encontro fundamental com aquele que se tornará seu amor proibido (platônico): o amigo Reinaldo - Diadorim. Ele faz desse amigo uma espécie de matriz de toda obra. Quando ambos vão fazer a travessia de canoa do de - Janeiro e entrar no rio São Francisco, essa cena inicial, onde esses dois meninos estão ali nas águas de um rio de águas claras de águas mansas, o rio da juventude, da infância entrando no mundo da guerra, que são as águas turvas do rio São Francisco, marca profundamente toda narrativa de *Grande Sertão: Veredas*, toda questão existencial e temporal apresentada no romance.

Riobaldo sendo personagem-narrador, símbolo da memória da sua própria história e do mundo que lhe circunda, faz por constatar sua construção de vida dentro do sertão, transmitindo, assim, a realidade de seu ser-no-mundo. A narrativa já prenuncia todo o romance de guerra e amor que é o *Grande Sertão: veredas*. Questões como: se planejamos a existência ou não e se temos o poder sobre a nossa história, que nos faz desviar de nossos caminhos. Deste modo, o *Grande Sertão: veredas* é uma obra extraordinária, porque ela tem um plano psicológico, forte, da subjetividade dessas personagens, pois apresenta o ser humano vivendo no sertão, vivendo a guerra, mas, ao mesmo tempo, fazendo reflexões filosóficas, poéticas e líricas.

Situações e cenas que nos levam a questionar: é um jagunço poeta? É um jagunço que confronta a sua vida, o seu destino, seus enigmas? A própria linguagem é o sertão; é o sertão das palavras; é o sertão da vida; é o sertão dos sentimentos, dos afetos. Este sertão, apresentado por Guimarães Rosa, é um sertão físico, metafísico e também linguístico. Sertão do vocabulário das palavras, do significante, da ambiguidade. “A gente escuta o barulho da guerra, a gente escuta o barulho das paixões.” (ROSA, 1965). O sertão que vem de Guimarães Rosa não se restringe aos liames geográficos brasileiros, ainda que dele extraia sua matéria prima. O Sertão aparece como uma forma de aprendizado sobre a vida, sobre a existência, não apenas do sertanejo, mas do homem. O sertão é o mundo (BRAIT, 1990).

Por outro lado, nos lembra Garbuglio (1972), o sertão pode ser visto, também, como unidade de conhecimento intraduzível aos olhos estranhos, como parte diferenciada do Cosmo, a manter sua peculiaridade e individualidade, estranhas ao homem de forma. O Sertão é um mundo, no qual os signos linguísticos que traduzem Riobaldo (Rosa) são portadores de cargas relacionáveis apenas dentro do código dos iniciados no mundo-

sertão. Talvez a grande proposta e desafio do romance sejam das mais radicais, que é entender como se narra uma vida que se faz exatamente no momento em que ela está sendo narrada. Ela começa a existir para esse sujeito quando ele começa a encaixar palavras, encontrar nomes para o que faz o sujeito se constituir e, assim, faz o sujeito existir. Sem linguagem não somos nada. Nós somos seres de linguagens. Não existiremos fora da linguagem.

Segundo Beth Brait (1990), é esta mesma linguagem a matéria de todos os textos rosianos, ainda que calcada em aspecto do falar sertanejo, mistura-se à pesquisa erudita, ao arcaísmo, à sintática, à semântica do português, conferindo ao romance de Rosa uma dimensão encantadora que não é encontrada em nenhuma outra produção literária. Guimarães Rosa é um inventário da língua portuguesa, fez da literatura, da ficção, uma prosa poética.

Falar de *Grande Sertão: Veredas* é falar das questões que norteiam a existência humana e, até mesmo, o papel do homem na sociedade pós-moderna. *GSV* é sem sombra de dúvida, uma obra atual aos dias de hoje, enquadrando-se em diversas referências das reflexões sociais. O próprio título do romance já é, por si só, impressionante; nele é manifestado o árido, o seco e as veredas que são os pequenos riachos. A palavra veredas possui um duplo sentido, é também o lugar onde habita a “sucuri” e nas veredas você pode afundar.

Temos, já de imediato, um título que dá a ideia da duplicidade, da ambiguidade, onde tudo parece ser o que não é; a ambiguidade que permeia o cenário, as ações e as relações do protagonista, cujo eixo principal se revela no jogo de “Dês”: Diadorim, Deus e o diabo no qual Riobaldo se vê lançado ao realizar a sua existência de sertanejo. (CAMPOS, 1991).

Diadorim é a um só tempo homem/mulher, bem/mal, caminho/desvio, mostrando-se como o horizonte que norteia os passos de Riobaldo na sua vida de jagunço; Deus é a força que impele Riobaldo em busca do bem e que assume a forma de uma vingança contra Hermógenes, o assassino de Joca Ramiro; busca (do bem) que confina com o mal porque Riobaldo, para tornar-se apto para liderar os jagunços nessa vingança, deverá tornar-se um pactário num confronto com o Diabo - confronto que nunca se confirma ou se desmente ao longo da narrativa. (RIBEIRO, 2010. p. 1-2).

Partindo dessa ideia, Antônio Cândido (1964), nos lembra que o sertão é o lugar onde a vontade do homem se faz mais forte do que o poder do lugar. Mas o que dá uma dimensão metafísica, em *Grande Sertão: Veredas*, é a vontade do homem é mais forte do que o poder do lugar e, no fim, o homem sente que ele foi um brinquedo. Há um destino obscuro, misterioso, que o tempo todo dirigiu as coisas. Nesse caso, a ambiguidade tem forte presença e é justamente o que o torna belo e um romance muito fluido, isto é, as coisas são e não, são para lado negativo e para o lado positivo, de modo que Riobaldo transita, o tempo todo, para o lado positivo e negativo.

Em toda narrativa há um mundo em que as coisas são de um lado e não é do outro, o lado do bem e o lado do mal. A ambiguidade maior é o caso de Diadorim: um guerreiro que se apaixona por um homem (Riobaldo) e fica aborrecido por se apaixonar. Diadorim passa para os dois lados, o esquerdo e o direito. Mas o que culmina tudo isso, segundo Antônio Cândido, é a ideia de que todas as vezes que fazemos o mal, estamos, sem querer, fazendo o bem, essa é ambiguidade máxima.

O sertão de *Grande sertão: veredas*, não é Minas, mas o mundo. A ambiguidade expressa no romance de Rosário, revela-se de outras formas: as coisas são e não são simultaneamente. Há um lado negativo e um lado positivo, e Riobaldo oscila, o tempo todo, entre um e outro. Tudo isto está trançado de tal maneira, que há uma impossibilidade de definir o que é e o que não é. Se a esquerda é o lugar do mal e a direita do bem ou vice-versa. Coisas boas ocorrem à esquerda e coisas más à direita. Há a divisão teórica do mundo, mas tudo, imediatamente, se embaralha: Riobaldo é aclamado como libertário: o homem que acabou com a jagunçagem no sertão, mas o que ele é senão um jagunço? O duplo, o paradoxo e o “deslizamento de sentido” tem em Diadorim seu símbolo máximo. Rosa elabora o jagunço como uma forma de ser, vê nele um drama ontológico. Em seguida, vem o pacto e, a partir daí, o que é impossível se torna possível: a travessia do Liso do Sussuarão parecia lugar intransponível, mesmo assim, após o pacto, eles atravessam. O duplo está na estrutura do romance, no enredo, nos personagens, na concepção metafísica e nos comentários marginais do narrador (CANDIDO, 1964).

Nota-se que em Riobaldo, há duas humanidades que se comunicam e se entrelaçam: o homem real, o sertanejo e o homem fantástico, vidente, quase sobrenatural. Na batalha final do *Grande sertão: veredas*, a do Tamanduá-tão, ele vence sem sair do lugar. Fica montado no cavalo, guerreia sem se mexer. O poder da vontade e o poder mágico que adquiriu com o pacto tem a capacidade de desviar balas. O pacto é, também, um elemento de ambiguidade: ele foi ou não foi realizado? No fundo, Riobaldo duvida do pacto:

[...] O que eu agora queria! Ah, acho que o que era meu, mas que desconhecido era, duvidável. Eu queria ser mais do que eu. [...] Sapateei, então me assustando de que bem gota de nada sucedia, e a hora em vão passava. Então ele não queria existir? [...] Lúcifer! Lúcifer... – ai eu bramei, desengolido. Não. Nada. [...] Ei, Lúcifer! Satanás, dos meus infernos! [...] Ele não existe, e não apareceu nem respondeu – que é um falso imaginado. Mas eu supri que ele tinha me ouvido (ROSA, 1965. p, 322-23).

Outras leituras ambíguas podem ser reveladas ao longo da narrativa: Zé Bebelo, vencido e capturado, que devia ser sacrificado, é liberto; Diadorim, que devia ser homem, é mulher. A ambiguidade aparece na própria obra. *Grande sertão: veredas*, afinal, era literatura regional ou universal, ou ambas? Guimarães Rosa escreveu o romance no qual o poeta está no jagunço, a mulher no homem e o diabo em Deus.

A forma maior de *Grande Sertão: Veredas* é a ambiguidade, o paradoxo, o deslizamento constante de sentido, onde o ciclo máximo se constitui no homem que é

mulher. O jagunço de *Grande Sertão: Veredas* é uma fórmula de ser homem, por isso existe em toda obra um drama ontológico. O drama do sentido do ser, do pessoal e do ser social. Na morte de Diadorim manifesta tanto a culminância de vida, quanto a culminância de morte, tal como justificado ao longo deste trabalho. O modo como essa morte se dá e o que lhe prossegue, ou seja, a luta à faca, corpo-a-corpo com o Hermógenes, assim como a descoberta de seu corpo de mulher, explicita sua natureza ambígua; – Di – não dual, mas dobrada; e intermediária, não média – Diá – entre o humano e o sagrado. No velado desvelado corpo de Diadorim se encontra algo do corpo humano e algo do corpo divino. Diadorim é tão estranho que vive para abordar a mortalidade e morre para abordar a imortalidade. Na morte, destitui Riobaldo de tudo que havia lhe dado (todo amor) para lhe doar o impossível (CANDIDO, 1964).

### 3 | NIETZSCHE E A CRISE DA ARTE MODERNA

A partir do século XVII, com o advento da modernidade, projeto estruturado na racionalidade humana e associado a uma classe histórica, a burguesia, fez com que a predominância racionalista fosse cada vez mais instrumental, produzindo profundos impactos na vida humana, em suas mais diversas áreas e dimensões. De modo que a sensibilidade do homem moderno ficasse marcada pela liquidez das relações e pela atmosfera da agitação e turbulência da dissolução e relativização das fronteiras, destruição das barreiras morais e dos compromissos pessoais.

Já na primeira metade do século XIX, as formas de vida geradas pela modernidade e pela tradição racionalista começam a sofrer suas primeiras oscilações.

A descrença no poder iluminador do conceito, na sua capacidade de expressão inteligível do ser e de apreensão do absoluto, começa a abalar a tradição racionalista a partir de fins do século XIX. Uma consciência trágica da existência retoma o tema da separação entre homem e mundo, assim como entre homem e homem, e considera a inutilidade das palavras para traduzir a incomensurabilidade do enigma do ser... O grande porta-voz dessa descrença, Nietzsche, no fim do século XIX, criticou implacavelmente a tradição racionalista e sua postulação do conceito como expressão inteligível do real (VIEGAS, 2009).

Nietzsche terá grande importância como desencadeador daquilo que se denominou de *crise da razão*, pois colocará em debate, na sua instigante obra, os conceitos de pensamento, essência, razão e verdade, tão caros à tradição racionalista ocidental. E o primeiro erro a ser evitado por Nietzsche é rotulá-lo como mais um filósofo, conforme nos chama a atenção Gérard Lebrun ao dizer que Nietzsche não é um sistema: é um instrumento de trabalho – insubstituível. Em vez de pensar *o que ele disse*, importa acima de tudo pensar *com ele*.

Em seu primeiro livro, o Nascimento da Tragédia, Nietzsche refuta o racionalismo iniciado por Sócrates ao afirmar:

Agora, porém a ciência, esporeada por sua vigorosa ilusão, corre, indetenível, até os seus limites, nos quais naufraga seu otimismo oculto na essência da lógica. Pois a periferia do círculo da ciência possui infinitos pontos e, enquanto não for possível prever de maneira nenhuma como se poderá alguma vez medir completamente o círculo, o homem nobre e dotado, ainda antes de chegar ao meio de sua existência tropeça, e de modo inevitável, em tais pontos fronteiros da periferia, onde fixa o olhar no inescurecido. Quando divisa aí, para seu susto, como, nesses limites, a lógica passa a girar em redor de si mesma e acaba por morder a própria cauda... assim devia ele [Sócrates] perguntar-se – que o não compreensível para mim não é também, desde logo, o incompreensível? Será que não existe um reino da sabedoria, do qual a lógica está proscria? Será que a arte não é até um correlativo necessário e um complemento da ciência? (NIETZSCHE, 1992).

Nesse fragmento, o filósofo quer mostrar como a vontade de produzir um conhecimento verdadeiro da realidade através de conceitos, juízos e demonstrações esbarra, apesar dos esforços da tradição ocidental, nos próprios limites lógicos e frustra-se. E assim, tendo a grande ilusão de que seguindo a cadeia de causalidades poderia chegar até aos abismos mais profundos do ser, Nietzsche contrapõe ao homem teórico; o *artista*, o qual “a cada desvelamento da verdade, permanece sempre preso, com olhos extáticos, tão-somente ao que agora, após a revelação, permanece velado”. Este é, portanto, o portador de uma nova forma de conhecimento, o *conhecimento trágico*, “que, mesmo para ser apenas suportado, precisa da arte como meio de proteção e remédio”. A definição do trágico (moderno) passa, então, a ser uma questão essencial no pensamento moderno.

É na obra, “Humano, Demasiado Humano” que as críticas de Nietzsche se tornam ainda mais pesadas, dando a si mesmo início em um distanciamento em relação aos pensadores Richard Wagner e Schopenhauer. Na obra, o autor salienta que pensar é sempre uma questão de *interpretar*, é sempre “*falsificar*”, pois não há fatos eternos, assim como não há verdades absolutas. De modo que a coisa em si é digna de uma homérica gargalhada: ela *parecia* tanto, e mesmo tudo, e, propriamente, é *vazia*, ou seja, vazia de significação. Nesse contexto nietzschiano, o *ilógico* é necessário para o homem, pois ele perpassa e está constantemente implantado nas paixões, na linguagem, na religião e em tudo que dá valor à vida. Entretanto, a metafísica, como ciência voltada para a substância e para a liberdade da vontade, seria apenas uma ciência que trata dos erros fundamentais do homem – mas, no entanto, como se fossem verdades fundamentais.

#### 4 | O SERTÃO DE RIOBALDO: O JAGUNÇO E A BUSCA DO HOMEM HUMANO

No texto “O sertão e o mundo”, de Antônio Candido (1974), é possível observar que o “regionalismo” de Rosa não tem o caráter de mera recriação de um determinado ambiente geográfico, cultural e humano, com as suas especificidades, embora isso também esteja presente. Mas, sim, que:

[...] tudo se transformou em significado universal graças à invenção, que

subtraí o livro da matriz regional, para fazê-lo exprimir os grandes lugares comuns, sem os quais a arte não sobrevive: dor, júbilo, ódio, amor, morte, para cuja órbita nos arrasta a cada instante, mostrando que o pitoresco é acessório e, na verdade, o Sertão é o Mundo. (CANDIDO, 1974, p. 4).

O Sertão é o Mundo. Concordamos com ele, desde que se compreenda “Mundo” não somente como realidade fática, objetiva ou mera concretude material. Mundo, aqui, deve ser entendido no sentido que Heidegger lhe atribui: “a abertura do ser” (HEIDEGGER, 2005, p. 63), “Mundo é a clareira do ser.” (HEIDEGGER, 2005, p. 64). Nesse sentido, explicaremos esse significado um pouco mais adiante.

O fato do sertão, ser mais simbólico do que real se justifica na crença de que esse espaço (sertão) possui o poder de encaminhar e desencaminhar os homens, e é justamente por isso que “viver é muito perigoso”. Assim, Zé Bebelo, que inicialmente se apresenta como um “civilizador” do sertão e como aquele que irá pôr fim ao “jaguncismo”, acaba por cometer uma série de atrocidades e se torna, ele mesmo, um chefe-jagunço, “procurando, como os demais, afeiçoar o Mundo à pauta dos fortes.” (CANDIDO, 1974, p. 4). Com isso, o sertão faz o homem.

Mas, esses homens fortes e violentos, frutos do sertão, não são apenas salteadores, mas “guerreiros.” De forma que, segundo Candido, para além da história concreta da jagunçagem, “elabora-se um romance de cavalaria. Assim como o sertão tem um duplo registro, real e simbólico, também “há um homem fantástico a recobrir ou entremeiar o sertanejo real”. Isso, para o autor, explicaria uma série de coisas: “explicam-se as batalhas e duelos, os ritos e práticas, a dama inspiradora, Otacília, no seu retiro, e até o travestimento de Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins em guerreiro Reinaldo (nome cavalheiresco entre todos), filha que era dum paladino sem filhos [...]” (CANDIDO, 1974, p. 5).

Uma analogia com o romance de Cavalaria é dada pelo desenrolar da história do narrador, desde o seu nascimento, fruto de uma relação ilegítima (o que o aproxima de outros paladinos, como Roldão e Tristão), passando por uma série de provas de fogo, a partir das quais mostrará o seu valor, até a conquista da chefia após um rito de iniciação (o pacto com o diabo, nas Veredas Mortas):

Para vencer Hermógenes, que encarna o aspecto tenebroso da Cavalaria sertaneja (...), é necessário ao paladino penetrar e dominar o reino das forças turvas. O diabo surge, então, na consciência de Riobaldo, como dispensador de poderes que devem obter; e como encarnação das forças terríveis que cultiva e represa na alma, a fim de couraçá-la na dureza que permitirá realizar a tarefa em que malograram os outros chefes. (CANDIDO, 1974, p. 5).

Na leitura do crítico Antônio Candido, o pacto teria mais um caráter mágico dos ritos iniciatórios, provocando a mudança do ser iniciado. Se Riobaldo for pensado a partir da sua condição singular de homem, se encararmos a individualidade de Riobaldo, então o diabo passa a ter uma outra significação: a tentação e o mal e por esse motivo, surge a grande dúvida sobre a sua existência ou não. Ele, o demo, passaria, então, a representar as tensões

da alma e os mistérios do sertão. Por isso que a vida/travessia é tão perigosa, porque o tempo todo o demônio nos espreita em cada acidente da vida e em toda dificuldade que envolve o saber de como vivê-la. Nessa dinâmica é possível inferir, também, “[...] o esforço para abrir caminho, arriscando perder a alma, por vezes, mas conservando a integridade do ser como algo que se sente existir no próprio lance da cartada. A ação serve para confirmar o pensamento, para dar certeza da liberdade.” (CANDIDO, 1974, p. 6).

Deste modo, o jagunço – enquanto homem adequado à terra – não pode deixar de ser o que é, mas, sendo também livre, pode manipular o mal para atingir o bem possível (no sertão). Portanto, continua Antônio Candido, através do pacto, Riobaldo estaria sacrificando (em certa medida) o “eu” a favor do grupo, do “nós”, transcendendo o estado de jagunço-bandido. Por fim,

Renunciando aos altos poderes que o elevaram por um instante acima da própria estatura, o homem do Sertão se retira na memória e tenta laboriosamente construir a sabedoria sobre a experiência vivida, porfiando, num esforço comovedor, em descobrir a lógica das coisas. (...) Desliza, então, entre o real e o fantástico, misturados na prodigiosa invenção de Guimarães Rosa como lei da narrativa. E nós podemos ver que o real é ininteligível sem o fantástico, e que, ao mesmo tempo, este é caminho para o real. Nesta grande obra combinam-se o *mito* e o *logos*, o mundo da fabulação lendária e o da interpretação racional, que disputam a mente de Riobaldo, nutrem a sua introspecção tateante e extravasam sobre o Sertão. (CANDIDO, 1974, p. 6).

Outro crítico literário que também trata dessa questão é Eduardo Coutinho. No texto “Discursos, fronteiras e limites na obra de Guimarães Rosa”, Coutinho (2008) enfatiza o caráter – presente em GSV – de negação de toda e qualquer visão de uma realidade monolítica e estática:

Nesse universo, fluido, pantanoso, e marcado justamente pela coexistência de opostos em constante tensão, toda verdade única e excludente de algo é desautorizada pela própria necessidade de conviver com outras que muitas vezes a contradizem, e a dúvida se instala, fazendo da narrativa um grande laboratório, uma teia de reflexão. Há um tecer ininterrupto que perpassa cada instante do relato, pondo em xeque todo tipo de lógica alternativa, calcada em construções dicotômicas, e abrindo espaço para outras possibilidades, quicá para uma lógica que poderíamos designar de “aditiva” e que se representaria por um dos mais expressivos *leitmotifs* do romance mencionado [*Grande Sertão: Veredas*]: “Tudo é e não é.” (COUTINHO, 2008, p. 365).

O homem (em particular, o adulto comum) leva uma vida marcada pelo automatismo e pela falta de autonomia. Seu discurso é mera expressão do senso comum e o seu olhar delimitado pela prática tradicional. E seria exatamente isso que Rosa enfrenta através da sua criação poética:

Avesso a tudo aquilo que se apresenta como fixo e natural, cristalizado pelo hábito e instituído como verdade inquestionável, Rosa se empenha em sua obra em corroer essa visão, e o faz por meio de recursos os mais variados, que se estendem desde a revitalização da linguagem *stricto sensu* até

estratégias cuidadosamente elaboradas de desautomatização da estrutura narrativa. (COUTINHO, 2008, p. 365).

Partindo dessa premissa, Coutinho passa a examinar a obra a partir de dois pontos: a oscilação de Riobaldo entre uma ordem mítico-sacral (*mýthos*) e uma ordem lógico-racionalista (*logos*), e o papel dado ao acaso no desenrolar da trajetória de Riobaldo.

Riobaldo, por ter nascido e se criado no sertão, reflete, na sua fala, “a face mítica dos habitantes da região, que se estende desde meras superstições e premonições até a crença em aparições [...] destacando-se neste conjunto o temor ao diabo.” (COUTINHO, 2008, p. 368). Seria, portanto, essa consciência “mítico-sacral” que o levou (Riobaldo) às Veredas Mortas para se tornar pactário. Mas, mesmo após o pacto, Riobaldo nega, ou questiona, a existência do demo. Isso decorre do fato de que Riobaldo não é um sertanejo como os outros, pois ele recebeu uma educação formal, escolar, e – para o autor – essa formação o fará transitar pela ordem “lógico-racionalista”. Riobaldo, então, é um personagem-narrador que, ao longo da sua trajetória, oscilará entre esses dois mundos:

Desse modo, se de um lado o episódio pode interpretar-se em termos racionalistas como uma tomada de consciência do protagonista a respeito do mal existente nele mesmo e uma aceitação desse mal, marcando a sua evolução de uma perspectiva maniqueísta para uma visão múltipla da realidade, de outro, não exclui a possibilidade de uma interpretação mítica, a permanecer presente na consciência de Riobaldo através da desconfiança que irá atormentá-lo, desse modo em diante, de haver vendido a alma ao diabo. (COUTINHO, 2008, p. 372).

Mesmo o mito sendo um dos elementos fundamentais de toda a narrativa, em GSV, Coutinho afirma que ele não adquire, em momento algum, uma autonomia: “[o mito] é sempre tratado como produção da relação do homem com o mundo, produto da interpretação humana, e, conseqüentemente, como elemento da cultura representada no romance.” (COUTINHO, 2008, p. 373). Assim, *mýthos* e *logos* convivem ao longo de todo o romance, em uma relação contínua, incessante e insolúvel, afirma Coutinho.

Outra questão, retomada por Coutinho, é a importância do acaso ao longo da narrativa. Ao retomarmos alguns momentos da trajetória de Riobaldo, é possível entender como ele entra para a vida de jagunço, por mediação de Zé Bebelô, embora não fosse essa a sua intenção inicial; e, como, uma série de acasos posteriores, o conduzem, sempre a contragosto, no envolvimento, cada vez maior, da vida de jagunço a ponto de se tornar líder de seu bando:

Como Édipo, Riobaldo passa grande parte da vida tentando escapar de situações que não podia aceitar, a ponto de tornar-se, como ele mesmo declara, um “fugidor”, que fugira até da “precisão de fuga”, e mais tarde se dá conta, do mesmo modo que o rei grego, de que todas as suas tentativas haviam sido em vão e de que não passava de “um pobre menino do destino”, cuja missão se resumia em “dar cabo definitivo do Hermógenes, naquele dia, naquele lugar”. (COUTINHO, 2008, p. 375).

Entretanto, o acaso e o destino, presentes na narrativa de Riobaldo, não pressupõem uma intervenção direta dos deuses e do sobrenatural, podendo, assim, ser explicados a partir de uma perspectiva racional: no romance de Guimarães Rosa o destino não tem, como observa Benedito Nunes, a eficácia de uma força exterior e independente.

Assim, o jogo entre as duas ordens continua:

Da mesma maneira que o caráter mágico do destino nunca assoma de modo evidente na narrativa, não há nenhum momento em todo o texto em que o destino seja apresentado como mero produto de causa e efeito. Durante todo o relato que Riobaldo faz ao interlocutor, ele se limita a apresentar como estranhos os acontecimentos que assim se lhe afiguram, e expressa o desejo de conhecer as causas que os determinam, levantando diversas perguntas [...]. (COUTINHO, 2008, p. 376).

O acaso e o destino, não se apresentam, nem como uma força fatalista e sobrenatural (que poderíamos chamar de uma ordem mítica), nem como uma mera relação de causa e efeito (que poderíamos chamar de uma ordem naturalista-racionalista), e, a partir daí, fala-se da mistura entre real e irreal, dado e suposto, aparente e o oculto, que, por meio de um movimento de transcendência, permite a passagem do particular para o universal.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Travessia do Sertão começa agora. Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da Travessia.

A ambiguidade rosiana se faz muito atual na sociedade contemporânea com a ideia platônica de que somos seres dual, isto é, temos tudo, mas ao mesmo tempo nos falta o objeto de desejo. Essa busca do homem humano é justamente a busca daquilo que ainda me faz falta, a procura da condição na mais pura perfeição humana. A concepção da eterna formação humana, é base primordial da minha existência, isto é, êxito antes da essência (a existência precede a essência).

Gostaria que os leitores deste estudo tivessem em conta esta perspectiva, de uma real Travessia, pois assim a rediscussão da temática existencial acena também, como em um espelho mágico, para as próprias ranhuras e deformações de nossa imagem. O rememorar, pela escritura literária, nos denuncia, tira nossas máscaras. Em um dos trechos mais citados da obra, Riobaldo diz: “estou contando não é uma vida de sertanejo, seja se for jagunço, mas a matéria vertente. Queria entender do medo e da coragem, e da gã que empurra a gente para fazer tantos atos, dar corpo ao suceder (GSV. 1988, p. 23)”.

Há obviamente, em Rosa, uma inquirição em torno de arquétipos e mitos que definem a ação humana desde tempos “imemoriais”. Mas compreendo que a “matéria vertente” é justamente aquilo que está posto nos olhos de quem lê e relê a obra-prima rosiana, *re-cordando-a*, trazendo-a mais uma vez ao coração. Apesar dos barbarismos de nosso tempo, seguimos esperando que Grande sertão: veredas semeie grãos de

horizonte e travessia nesta terra arrasada que a História nos legou.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. Tradução coordenada e revista por Alfredo Bosi. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

ALBERNAZ, Ana Maria. **Vertência do viver no Grande Sertão: Veredas** – Rio de Janeiro, 2009.

ARISTÓTELES. **Poética**. Rio de Janeiro - RJ, Ediouro, 1993.

BOLLE, Willi. **Grande sertão.br**. São Paulo: Duas Cidades/34, 2004.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 14. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

\_\_\_\_\_, Ecleia. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 7.ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

BRAIT, Beth. **A Personagem**. São Paulo. Ática, 1985

\_\_\_\_\_. **Guimarães Rosa: seleção de textos, estudos biográfico, histórico e crítico**. São Paulo, Nova Cultura, 1990

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CANDIDO, Antonio. **O Sertão e o Mundo**. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, Ano IX, n. 395, 23 de março de 1974

\_\_\_\_\_. **O Homem dos avessos**. In: CANDIDO, A. *Tese e antítese*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964.

COUTINHO, Eduardo. **Discursos, fronteiras e limites na obra de Guimarães Rosa**. In: *A poética migrante de Guimarães Rosa*. Organização de Marli Fantini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. 8.ed. São Paulo: Ática, 1997.

DELEUZE, Gilles. **O Ato da Criação**. Publicado no caderno MAIS, da Folha de S. Paulo, 27.6.1999.

EAGLETON, Terry. **Marxismo e crítica literária**. Trad. Matheus Corrêa. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. 4. ed. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2001

FEITOSA, Charles. **Explicando a Filosofia com a Arte**. Rio de Janeiro-RJ. Ediouro Multimídia, 2009.

GADAMER, H.-G. Estética y hermenéutica. In: **Estética y hermenéutica**. Trad. A.G.Ramos. Madrid: Tecnos, 2006.

GALVÃO, W. N. **As formas do falso**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1986.

\_\_\_\_\_. **As formas do falso**: um estudo sobre a ambiguidade no Grande sertão: veredas. São Paulo: Perspectiva, 1972. (Coleção Debates, 51).

\_\_\_\_\_. **Guimarães Rosa**. São Paulo-SP. Publifolha, 2000.

GARBUGLIO, José Carlos. **O mundo movente de Guimarães Rosa**. São Paulo, Ed. Ática, 1972.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo (Parte I)**. 15. ed. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_. **Carta sobre o humanismo**. 2. ed. Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2005.

KANT, Immanuel. **Observações sobre o Sentimento do Belo e do Sublime**. Campinas-SP. Papirus, 2000.

LACOSTE, Jean. **A Filosofia da Arte**. Trad. Álvaro Cabral. Zahar, Rio de Janeiro-RJ, 1986.

LEBRUN, Gérard. **Passeios ao léu**: ensaios. São Paulo: Brasiliense, 1983.

LEOPOLDO e SILVA, Franklin. **Ética e Literatura em Sartre**. Ensaios introdutórios. São Paulo: UNESP, 2004.

MOEBUS, Marcelo N. Narciso. **Grande Sertão: Veredas – O sertão como desenvolvimento da Condição Humana**. (Dissertação de mestrado) – Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros/MG. 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **Obras incompletas**. 4. ed. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (*Os Pensadores*).

\_\_\_\_\_. **O nascimento da tragédia**: ou helenismo e pessimismo. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

\_\_\_\_\_. **Introdução à tragédia de Sófocles**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

NUNES, Benedito. **Introdução à Filosofia da Arte**. Editora Ática, São Paulo – SP, 2003.

\_\_\_\_\_. **Hermenêutica e poesia**: o pensamento poético. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

\_\_\_\_\_. **Passagem para o poético**: filosofia e poesia em Heidegger. São Paulo: Ática, 1986.

\_\_\_\_\_. **A filosofia contemporânea:** trajetos iniciais. São Paulo: Editora Ática, 1991.

\_\_\_\_\_. **Heidegger e ser e tempo.** 3.ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2010.

\_\_\_\_\_. **A Rosa o que é de Rosa:** Literatura e Filosofia em Guimarães Rosa. Org. Victor Sales Pinheiro. Rio de Janeiro: Editora DIFEL, 2013.

PLATÃO. **A República.** São Paulo: Martin Claret, 2001.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia: do romantismo até nossos dias.** São Paulo: Paulus, 1991

RIBEIRO, Glória Maria Ferreira. **Sobre a existência em Grande Sertão: Veredas.** Existência e Arte” - Revista Eletrônica do Grupo PET - Ciências Humanas, Estética e Artes da Universidade Federal de São João Del-Rei - Ano V - Número V – janeiro a dezembro de 2010.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988

\_\_\_\_\_, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas.** São Paulo: Círculo do Livro, 1965.

\_\_\_\_\_. **Sagarana.** 5.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1958.

ROSENFELD, K. H. **Grande sertão: veredas:** roteiro de leitura. São Paulo: Ática, 1992. (Série Princípios, 224).

SANTIAGO, Silvano. **Genealogia da Ferocidade:** Ensaio sobre Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa. Recife: CEPE. Editora, 2017.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é literatura?** São Paulo: Ática, 1989.

SCHWARZ, R. **Grande sertão: estudos.** In: COUTINHO, E. de F. (Org.). **Guimarães Rosa.** 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. p.378-389. (Coleção Fortuna Crítica, 6).

VIEGAS, Sônia. **A Vereda trágica do Grande sertão:** veredas. Escritos: filosofia viva. Organização de Marcelo P. Marques. Belo Horizonte: Tessitura, 2009.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Acontecimento enunciativo 116, 117, 120, 122, 129

Afetos 31, 57, 158, 159, 162, 163

Agricultura familiar 158, 166

Al-Khansa 1, 2, 5, 7

Al-Khirniq 1, 5, 6, 7

Alteridade 121, 167, 176, 181, 182

Ancestralidade 158, 159, 163, 166, 187, 195

Atividades remotas 116, 117

### C

Canto 161, 167, 175, 177, 178, 179, 180

Choro 5, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 57

Cognição 54, 57, 58, 59

Competência lexical do falante 106

### D

Desterritorialização 149, 150, 152, 153, 155, 156, 157

Discurso docente 116

### G

Guimarães Rosa 29, 30, 31, 32, 33, 37, 39, 40, 41, 42, 75, 76, 149, 150, 151, 152, 155, 157

### H

Henriqueta Lisboa 131, 132, 133, 137, 140, 141, 144, 145, 147

História 2, 7, 9, 11, 14, 15, 17, 19, 20, 22, 25, 26, 29, 30, 31, 36, 40, 42, 56, 57, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 75, 77, 78, 81, 90, 100, 106, 114, 115, 118, 120, 122, 128, 129, 130, 131, 139, 140, 141, 143, 144, 148, 157, 164, 165, 166, 168, 169, 171, 178, 181, 182, 184, 185, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 207, 208

### I

Identidade 30, 50, 67, 73, 109, 158, 160, 161, 162, 165, 166, 167, 169, 176, 181, 182, 185, 198, 208

Imagem-símbolo 167, 179, 180

Indústria cultural 43, 44, 46, 47, 49, 50, 53

Infância 31, 63, 149, 151, 157, 201

Interação 22, 58, 77, 96, 98, 99, 177

Invisibilidade do ser 27

## **J**

Jahiliya 1, 2, 3, 4, 7

Jornais 9, 10, 11, 80, 81, 82, 87, 88, 92, 93, 94, 95

Jovens mediadores 96, 99, 100

## **K**

Kene 167, 168, 172, 173, 174, 175, 176, 178, 179, 180, 182

## **L**

Leitura literária 96, 97, 101, 114

Literatura contemporânea 29

Literatura infantil 106

## **M**

Machado de Assis 12, 13, 14, 43, 44, 46, 51, 52, 53, 80, 83, 85, 86, 89, 91, 95

Maranhão 9, 10, 14, 15, 62, 67

Maria Firmina dos Reis 61, 62, 64, 66, 67

Mário de Andrade 131, 132, 133, 135, 139, 140, 141, 143, 147, 148

Mímesis 68, 69, 74, 75, 76, 78

Morfologia lexical 106, 108, 115

Música popular 9, 10, 12, 15, 45, 46

## **N**

Neologismos 106, 107, 108, 109, 110, 112, 114

Neurociência 54, 55, 56, 59, 60

## **O**

Onto-epistemicídio 184

## **P**

Pandemia 27, 100, 102, 116, 117, 123, 124, 126, 127, 129

Poesia árabe 1, 7

Povo indígena 184

Povo negro 184, 185, 191, 194, 195, 198, 199, 206

Primeiras estórias 149, 150, 151, 157

## U

Um marido ideal 16, 18

Úrsula 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67

# LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Ressonâncias e repercussões

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

  
Ano 2022

# LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Ressonâncias e repercussões

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

 **Atena**  
Editora  
Ano 2022